

Análise prosódica do uso não convencional da vírgula em esquema simples em redações de vestibulandos da UEPG

Prosodic analysis of unconventional usage of commas in simple scheme in essays written by students for the college entrance examination of UEPG

DOI: 10.22481/lnostr.v14i1.18147

Gabriela Moreira dos Santos Simões¹

Universidade Estadual de Ponta Grossa

E-mail: 18009158@uepg.br.

Márcia Cristina do Carmo²

Universidade Estadual de Ponta Grossa

E-mail: mccarmo@uepg.br.

RESUMO

Este trabalho analisa o emprego não convencional da vírgula em esquema simples em redações escritas por alunos que prestaram o vestibular da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) no ano de 2022. Consideramos o Modo heterogêneo de constituição da escrita (Corrêa, 2004) como corrente teórica que norteou nossa concepção de escrita, uma vez que os fatos linguísticos (fala/escrita) são expressos pelo sujeito de linguagem por meio das práticas sociais (oralidade/letramento). Além disso, outra teoria que embasou nossa pesquisa foi a Fonologia prosódica, que, de acordo com Nespor e Vogel (1986), propõe a organização dos elementos prosódicos de forma hierárquica, sendo os constituintes divididos da seguinte maneira: sílaba, pé, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entoacional e enunciado fonológico. Diante disso, os constituintes mais altos na hierarquia (*frase fonológica*, *frase entoacional* e *enunciado fonológico*) foram mobilizados em nossas análises, com base em estudos realizados anteriormente, a saber: Araújo-Chiuchi (2012); Soncin (2014); Soncin e

¹ Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Licenciada em Letras - Português/Inglês - pela mesma instituição. E-mail: 18009158@uepg.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-4466-2893>

² Docente Adjunta vinculada ao Departamento de Estudos da Linguagem (DEEL) e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Realizou Pós-Doutorado (2014-2015) na University College London (UCL). Doutora e Mestre em Estudos Linguísticos e Licenciada em Letras - Português/Inglês - pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Ibilce). E-mail: mccarmo@uepg.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0546-7622>

Tenani (2015); Soncin e Rodrigues (2018); e Francisco (2024). O *corpus* desta pesquisa é formado por textos fornecidos pela Coordenadoria de Processos de Seleção (CPS) da UEPG, dos quais selecionamos 50 redações com nota zero e 50 redações que obtiveram nota abaixo da média. De modo geral, corroboramos resultados de estudos anteriores (Soncin, 2014; Francisco, 2024) que apontam que a frase entoacional é o constituinte que, predominantemente, motiva o emprego de vírgula, embora haja outros domínios que envolvem esse processo, como a frase fonológica e o enunciado fonológico (Araújo-Chiuchi, 2012). Sendo assim, também concebemos a vírgula para além de um sinal gráfico, pois estabelece relações sintáticas e semânticas mobilizadas no nível prosódico.

Palavras-chave: Oralidade; Letramento; Fonética; Fonologia; Vírgula.

ABSTRACT

This paper analyzes unconventional uses of commas in a simple scheme in essays written by students for the college entrance examination of State University of Ponta Grossa (UEPG) in 2022. We adopt the Heterogeneous Mode of Writing Constitution (Corrêa, 2004) as the theoretical framework guiding our conception of writing, considering that linguistic phenomena (speaking/writing) are expressed by language subjects through social practices (orality/literacy). Furthermore, another theoretical background that is the basis of this research is Prosodic Phonology, which, according to Nespor and Vogel (1986), presents the hierarchical organization of prosodic elements, classified as: syllable, foot, phonological word, clitic group, phonological phrase, intonational phrase and phonological utterance. Considering this, the higher-ranked constituents (*phonological phrase*, *intonational phrase*, and *phonological utterance*) are the ones mobilized in our analyses, based on previous studies on comma usage, namely: Araújo-Chiuchi (2012); Soncin (2014); Soncin and Tenani (2015); Soncin and Rodrigues (2018); and Francisco (2024). This research *corpus* is composed of texts provided by Selection Process Coordination (CPS) of UEPG, which were chosen following the criteria: 50 essays scored zero and 50 essays with a score below average. The excerpts which commas were unconventionally used in a simple scheme were analysed. As a result, with our text samples of college entrance examination essays, we corroborate the results from previous studies (Soncin, 2014; Francisco, 2024) that highlight the intonational phrase as the constituent that predominantly motivates the use of commas, although there are other domains involved in this process, such as the phonological phrase and the phonological utterance (Araújo-Chiuchi, 2012). Therefore, we conceive the comma as more than a mere graphic symbol, as it establishes syntactic and semantic relationships that operate at the prosodic level.

Keywords: Orality; Literacy; Phonetics; Phonology; Comma.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho³ analisa o emprego não convencional da vírgula em esquema simples em redações escritas por alunos que prestaram o vestibular da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) no ano de 2022, como em “*o conceito vem, ganhando vantagem e destaque*” (zero-03)⁴ e “*a justiça da Espanha, apenas fingiu que nada aconteceu*” (zero-48).⁵ A análise acerca desse emprego é conduzida a partir de uma perspectiva prosódica, com base em trabalhos realizados anteriormente (Araújo-Chiuchi, 2012; Soncin, 2014; Soncin; Tenani, 2015; Soncin; Rodrigues, 2018; Francisco, 2024).

Para realizar esta pesquisa, foram analisadas 100 redações escritas por candidatos do Vestibular 2022 da UEPG, fornecidas pela Coordenadoria de Processos de Seleção (daqui em diante, CPS) da universidade. Dessas, 50 obtiveram nota zero e 50 abaixo da média.

A complexidade da vírgula é revelada ao ser definida como um sinal de pontuação em que ocorrem flutuações das regras que definem a convencionalidade de seu uso (Soncin; Tenani, 2015; entre outros). Tais regras têm caráter tipicamente sintático, o que pressupõe que os sujeitos de linguagem dominam as normas gramaticais prescritas em relação à sintaxe da língua. Todavia, a vírgula compreende, além de aspectos sintáticos, também semânticos, prosódicos e enunciativos (Chacon, 1996; Araújo-Chiuchi, 2012; Soncin, 2014). Ancoramos em pesquisas anteriores (Soncin, 2014; Soncin; Tenani, 2015; Soncin; Rodrigues, 2018; e Francisco, 2024) acerca da ocorrência de vírgula em fronteira de frases fonológicas, frases entoacionais e enunciado fonológico (Araújo-Chiuchi, 2012) - os três constituintes mais altos da hierarquia prosódica, conforme será apresentado na próxima seção.

De acordo com a prescrição, a vírgula é fortemente relacionada às pausas na fala (Cunha; Cintra, 2016), o que pressupõe que esse sinal de pontuação apresenta um caráter meramente gráfico para representar um fenômeno que está presente na fala, marcando, assim, uma visão dicotômica entre o que é gráfico (escrita) e o que é sonoro (fala). Partimos do

³ O presente artigo é fruto e desdobramento da dissertação de Mestrado “O emprego não convencional da vírgula em esquema simples em redações de vestibulandos da UEPG: análise prosódica” (Simões, 2025), defendida em 2025 pela primeira autora, sob orientação da segunda, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

⁴ A notação do *corpus* é apresentada na seção 3.

⁵ Para melhor visualização dos dados, as vírgulas são destacadas em amarelo e negrito.

pressuposto de que a fala e a escrita não são uma representação de uma para outra, mas, sim, são fatos da língua expressos por práticas sociais da oralidade/letramento (Corrêa, 2004; Chacon, 2022), nas quais ocorre a circulação dialógica do escrevente por meio daquilo que já foi ouvido/lido e falado/escrito. Sendo assim, ao pontuar, o escrevente deixa marcas de si mesmo a fim de interagir com seu interlocutor (Corrêa, 2004).

Este artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, apresentamos as correntes teóricas que fundamentam esta pesquisa, com destaque ao Modo heterogêneo de constituição da escrita, elaborado por Corrêa (2004), e à Fonologia prosódica, proposta por Nespor e Vogel (1986); além da apresentação de estudos com os quais dialogamos (Araújo-Chiuchi, 2012; Soncin, 2014; Soncin; Rodrigues, 2018; Francisco, 2024). Na seção 3, expomos o material e os métodos empregados. Em 4, são conduzidas a análise e a discussão dos dados extraídos das 100 redações que compõem o conjunto de dados. Por fim, a seção 5 contém as considerações finais, sendo seguida pelas referências bibliográficas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, discorreremos sobre a Fonologia prosódica (Nespor; Vogel, 1986) e sobre alguns estudos já realizados acerca do uso da vírgula e sua relação com a prosódia (Araújo-Chiuchi, 2012; Soncin; Tenani, 2015; Soncin; Rodrigues, 2018; Francisco, 2024). Embora este artigo enfoque uma análise *prosódica*, é necessário apresentar brevemente o Modo heterogêneo de constituição de escrita (Corrêa, 2004), que embasa teoricamente a concepção de escrita presente neste trabalho.

Para Chacon (2022), fala e escrita são constitutivamente heterogêneas, pois estão presentes simultaneamente na diversidade de práticas orais e letradas. Essa concepção está pautada na proposta de Corrêa (2004) acerca do *Modo heterogêneo de constituição da escrita*. De acordo com esse modelo teórico, a prática social (oralidade/letramento) e os fatos linguísticos (fala/escrita) estão fortemente ligados, uma vez que todo fato linguístico exprime uma ação social do falante/escrevente. Nesse sentido, a concepção assumida por Corrêa (2004) em relação à constituição heterogênea da escrita é a de que há um encontro entre o oral/falado e o letrado/escrito. Portanto, o autor considera a “circulação dialógica do escrevente [...] e a

imagem que o escrevente faz da escrita, tomada como parte de um imaginário socialmente partilhado” (Corrêa, 2004, p. 9).

O linguista nos apresenta três “eixos que orientam a circulação do escrevente pelo imaginário sobre a escrita” (Corrêa, 2004, p. 10), a saber:

- (i) A escrita em sua suposta gênese (aproximação da fala e da escrita), em que há a “atribuição de um lugar para o oral/falado no letrado/escrito” (Corrêa, 2004, p. 82), como as ocorrências em que a vírgula não convencional demarca um momento em que poderia ocorrer pausa na fala;
- (ii) O código institucionalizado da escrita (processo social geralmente escolar e ligação entre oral/letrado e falado/escrito), em que a representação pelo código institucionalizado que o escrevente busca é compreendida como aquilo que o sujeito procura representar em (sua) escrita que considera ser o modelo institucionalizado; e
- (iii) A dialogia do já falado/escrito (tudo o que já foi dito/escrito e ouvido/lido), que prevê “um duplo papel [...] por guardar a dimensão dialógica que permite o movimento entre os três eixos - marcando fronteira entre eles - e por ser ele mesmo um pólo de circulação” (Corrêa, 2004, p. 286).

Seguindo o Modo heterogêneo de constituição da escrita (Corrêa, 2004), Soncin e Tenani (2015) consideram a escrita como o encontro entre as práticas discursivas *fala* e *escrita*. As autoras afirmam que a prosódia é uma dimensão linguística que faz parte da escrita “como parte constitutiva de sua heterogeneidade” (Soncin; Tenani, 2015, p. 476). Em concordância com trabalhos realizados por Soncin e Tenani (2015), Chacon (2022) atesta que:

a dimensão fonológica da escrita se mostra também nos sinais de pontuação, já que eles marcam contornos entonacionais que orientam tanto a produção de sentidos na escrita de textos quanto a atribuição de sentidos na sua recepção, num ato de leitura (Chacon, 2022, p. 165).

O componente fonológico, segundo Nespôr e Vogel (1986), não deve ser concebido como um sistema homogêneo, mas como um conjunto de subsistemas que interagem entre si, em que cada um é regido por suas próprias regras. As pesquisadoras concentram-se no subsistema *prosódico*, mais especificamente na teoria dos domínios. A *prosódia* pode ser definida como o ramo da linguística que analisa “propriedades ou traços suprasegmentais da

fala, os quais são percebidos como parâmetros de *frequência fundamental*, *pitch*, *intensidade* e *duração*” (Silva, 2011, p. 183, grifos da autora).

A organização dos constituintes fonológicos, conforme Nespore e Vogel (1986), se dá em sete unidades: (i) sílaba; (ii) pé; (iii) palavra fonológica; (iv) grupo clítico; (v) frase fonológica; (vi) frase entoacional; e (vii) enunciado fonológico. Concentramo-nos em apresentar a organização dos constituintes prosódicos e suas relações com ênfase nos domínios prosódicos hierarquicamente superiores - *frase fonológica* (ϕ), *frase entoacional* (I) e *enunciado fonológico* (U), pois se destacam para o emprego não convencional da vírgula (Soncin, 2014; e outros).

A *frase fonológica* (ϕ), seguindo o princípio básico de qualquer constituinte prosódico, é constituída pelas unidades imediatamente inferiores: “o grupo clítico, que tanto pode ser uma locução (a casa) quanto apenas uma palavra fonológica (casa)” (Bisol, 2001, p. 236). A formação da frase fonológica é apreendida a partir de três princípios: (i) o da formação do domínio; (ii) o da construção da frase fonológica; e (iii) o da sua proeminência relativa. O cabeça da frase fonológica é, de acordo com Nespore e Vogel (1986), o mais forte à direita em línguas que possuem ramificação à direita na árvore sintática, como o PB. A frase fonológica é composta por um item lexical que é o cabeça do constituinte prosódico e por todos os elementos em seu lado não-recursivo que são projetados pelo cabeça. Por exemplo, em [*o capacitismo*], a palavra prosódica *capacitismo* encabeça ϕ , que engloba *o* em seu domínio. A reestruturação de ϕ , segundo Nespore e Vogel (1986), é permitida quando o elemento que complementa o núcleo de um sintagma situado no lado recursivo da língua não apresenta ramificação. Desse modo, Soncin (2014) exemplifica que *um menino bonito* projetaria duas ϕ s, como verificamos em [um menino] ϕ [bonito] ϕ , pois apresenta dois núcleos sintagmáticos. Entretanto, a possibilidade de reestruturação, vista em [um menino bonito] ϕ , conforme explica a pesquisadora, se dá pelo fato de o item à direita funcionar como um complemento não ramificado do item à esquerda. Nesse caso, a reestruturação não seria possível em *um menino muito bonito*, gerando as seguintes frases fonológicas: [um menino] ϕ e [muito bonito] ϕ (Soncin, 2014).

Já a *frase entoacional* (I), de acordo com Nespore e Vogel (1986), é formada por uma ou mais frases fonológicas. Esse constituinte apresenta contornos entoacionais, e o fim das frases entoacionais pode coincidir com pausas, conforme Nespore e Vogel (1986). Sobre a pausa, Cagliari (1992, p. 143) afirma que está relacionada à respiração que ocorre durante a fala “em

momentos oportunos”. No caso, ainda de acordo com Cagliari (1992), a respiração nos momentos da fala se dá entre os grupos tonais e preferencialmente ao fim de agrupamentos de orações (períodos). Nesse sentido, o autor postula que a pausa tem função de segmentar a fala. Os contornos entoacionais são formados ao longo das frases entoacionais e podem ser ascendentes ou descendentes; por exemplo, no PB o contorno é ascendente em perguntas e descendente em afirmações (Tenani, 2002). Os limites desses contornos são justamente onde ocorrem as fronteiras prosódicas pertinentes às *Is*.

Ainda que a noção de delimitação de frases entoacionais esteja ligada a questões fonético-fonológicas, o modelo de Nespor e Vogel (1986) autoriza a delimitação entre fronteiras de frases entoacionais a partir de elementos que se organizam sintaticamente nos enunciados, ao afirmar que uma frase entoacional é formada por: (i) sentenças raiz; (ii) sentenças ou elementos deslocados, ou seja, que não dependem da oração principal; e (iii) sentenças raiz interrompidas por elementos deslocados (Nespor; Vogel, 1986). Nespor e Vogel (1986) preveem, ainda, a formação de frases entoacionais por reestruturação, possível quando: (i) a extensão da *I* formada for longa; (ii) a velocidade de fala for relativamente lenta; (iii) houver o registro formal da língua; e (iv) houver proeminência contrastiva.

Por fim, o *enunciado fonológico (U)*, situado no topo da hierarquia prosódica, é composto por uma ou mais frases entoacionais (Nespor; Vogel, 1986). Esse constituinte tem relevância na proeminência que constitui a entoação final da frase (Gayer, 2015) e, segundo Silva (2011), equivale frequentemente ao enunciado sintático. Portanto, esse constituinte é delimitado a partir da identificação do início e do fim de um constituinte sintático, de acordo com Nespor e Vogel (1986). Além disso, as autoras afirmam que uma série de frases entoacionais podem ou não corresponder a um único nó na cadeia sintagmática. As autoras exemplificam: “[[Minha prima]I [coleta cobras]I]U [Gertrude]I [prefere borboletas]I]U” (Nespor; Vogel, 1986, p. 222, tradução nossa).⁶

A seguir, apresentamos uma síntese de estudos anteriores acerca do emprego da vírgula, os quais foram produzidos por um mesmo grupo de pesquisa e analisam o banco de dados formado a partir do projeto de extensão “Desenvolvimento de oficinas de leitura, interpretação e produção de texto no Ensino Fundamental”. Esse projeto, realizado em uma escola de São José do Rio Preto (SP) entre 2008 e 2011, é vinculado ao grupo de pesquisa “Estudos sobre a

⁶ Do original: *[[My cousin]I [collects snakes]I]U [Gertrude]I [prefers butterflies]I]U*.

Linguagem” (GPEL/CNPq) e à linha de pesquisa “Oralidade e Letramento” do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista (Ibilce/Unesp).

No que diz respeito ao emprego não convencional da vírgula, Araújo-Chiuchi (2012) analisa textos escritos por alunos da antiga quinta série. Em sua dissertação, a pesquisadora distingue dois tipos específicos de usos não convencionais: “(i) escolha não convencional da vírgula em relação a outro possível sinal de pontuação; e (ii) colocação da vírgula em posição não convencional” (Araújo-Chiuchi, 2012, p. 45). A autora analisou 279 narrativas referentes a três diferentes propostas, constatando 406 usos não convencionais de vírgula, sendo 164 classificados pela pesquisadora como “vírgula em posição não convencional” e 242 como “escolha não convencional da vírgula em relação a outro sinal de pontuação”. Sua análise demonstrou que o constituinte prosódico relevante para o emprego não convencional da vírgula é o domínio do enunciado fonológico (*U*). Embora a autora tenha constatado que o uso em desacordo com a convenção ocorreu em fronteiras prosódicas dos constituintes mais altos da hierarquia prosódica (frase fonológica, frase entoacional e enunciado fonológico), a pesquisadora destaca, também, o fato de encontrar a vírgula empregada de forma não convencional no interior do domínio da frase fonológica. No entanto, houve predominância da vírgula em desacordo com a convenção em fronteira de *Us*. Esse fato permitiu à autora concluir que os alunos delimitam unidades maiores considerando a totalidade do texto e, gradualmente, reconhecendo suas partes (Araújo-Chiuchi, 2012).

Soncin (2014) examinou 284 textos argumentativos que foram escritos por alunos do Ensino Fundamental (doravante, EF) II, da antiga 8ª série. Dos textos selecionados, “142 são artigos de opinião e 142 são cartas argumentativas” (Soncin, 2014, p. 84). A pesquisadora identificou 198 ocorrências de vírgulas não convencionais em esquema simples por presença, das quais 93,4% empregadas na fronteira prosódica e 6,6% casos não condizentes com a fronteira prosódica. As vírgulas presentes em fronteira prosódica demarcam limites de frases fonológicas, como em “[Concluo que]I [se não mudarmos radicalmente nossa posição diante deste fato]I [(o mundo) (sofrerá,) (um colapso ambiental.)]I (8B_11_05_17)” (Soncin, 2014, p. 156, grifo da autora); e frases entoacionais, como em “[Uma das vantagens de estudar nesta escola,]I [é que,]I [com isso]I [conhecemos e criamos muitas amizades]I [e isso aprendemos a nos dar bem com as pessoas de fora.]I (8C_01_03_07)” (Soncin, 2014, p. 156, grifo da autora).

Com base nesse resultado quantitativo, a autora considera que a fronteira prosódica desempenha um papel relevante no uso não convencional da vírgula.

Como exemplo de estudo sobre as vírgulas em esquema duplo, temos o de Soncin e Rodrigues (2018), no qual as autoras selecionaram 100 textos escritos por alunos de 8º e 9º anos. A seleção obedeceu aos seguintes critérios: (i) participação no projeto durante os quatro anos de sua realização; e (ii) produção das propostas de relato de experiência, de carta argumentativa, de narrativa de ficção e de artigo de opinião. Sendo assim, as amostras coletadas dizem respeito a “textos de 4 diferentes gêneros textuais/discursivos produzidos por 25 sujeitos nos anos de 2010 e 2011, nos respectivos 8º e 9º anos” (Soncin; Rodrigues, 2018, p. 1579). Nos 288 dados analisados, referentes à vírgula em esquema duplo, as autoras classificaram os dados da seguinte forma: *Presença-Presença* (uso convencional); *Presença-Ausência*; *Ausência-Presença*; *Ausência-Ausência* (usos não convencionais). Em seus resultados, detectaram 60,8% dos usos na categoria *Ausência-Ausência*, configurando a maioria dos trechos sob análise. Dessa forma, a interpretação de Soncin e Rodrigues (2018) é a de que a tendência dos alunos em séries escolares de 8º e 9º anos é não delimitar com vírgulas estruturas pertinentes ao esquema duplo.

Já Francisco (2024) analisou as vírgulas em *esquema simples* e, por esse motivo, esta pesquisa dialoga diretamente com o estudo realizado pela autora. Francisco (2024) extraiu 445 dados de presença em uso convencional e não convencional e ausência por uso não convencional de vírgulas. A autora realizou um estudo semilongitudinal ao analisar textos de *tipologia narrativa* escritos por alunos que, em 2008, cursaram a 5ª série (atual 6º ano) e, em 2011, os mesmos alunos cursaram a 8ª série (atual 9º ano). A partir do que é exposto por Francisco (2024), há predominância dos usos *não convencionais* da vírgula em esquema simples, principalmente por *ausência*.

Quanto aos usos não convencionais por presença, recorte que interessa a esta pesquisa, Francisco (2024) observa que esses usos são mais frequentes nos textos dos alunos do 6º ano (55%) em relação a textos dos estudantes do 9º ano. A pesquisadora constata, ainda, que, no caso dos resultados encontrados nos textos do 6º ano, os alunos empregam a vírgula de forma não convencional, majoritariamente, antes da conjunção “e” em *orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito*, correspondendo a 76% dos casos, em que destaca o tamanho da estrutura, o que resulta na estruturação de duas frases entoacionais, como em “[...] o médico atendeu a moça

rapidamente, e mandou tirar raio X [...]” (Francisco, 2024, p. 60, grifo nosso). Já os alunos do 9º ano empregam a vírgula em desacordo com a convenção, na maioria das ocorrências, entre as estruturas *sujeito e predicado* (69%), sugerindo uma possível relação entre tópico e comentário, marcada prosodicamente por contornos entoacionais, nos quais pode performar a pausa, indicada por vírgula nos textos de EF II.

De modo geral, a partir desses estudos, observamos que as vírgulas em textos escritos por alunos do EF II apresentam certas regularidades prosódicas, como a relevância das fronteiras prosódicas, especialmente a frase entoacional, tanto para vírgulas em esquema simples quanto em esquema duplo e tanto convencional quanto não convencional. Além disso, notamos que não há vírgulas empregadas no interior de ϕ quando tratamos do emprego da vírgula em esquema duplo, esse comportamento da vírgula é visto, de forma mais frequente, nos trabalhos que estudam as vírgulas em esquema simples.

Na seção seguinte, tratamos do material de análise e dos procedimentos seguidos para a realização desta pesquisa.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Para realizar este estudo, coletamos todos os trechos em que há a presença de vírgulas não convencionais em esquema simples de 100 redações para análise, sendo 50 delas classificadas como *nota zero* e as outras 50 como *abaixo da média*. Todas as redações foram fornecidas pela CPS da UEPG, sem a identificação de seus autores, mantendo seu anonimato. Todos os textos referidos foram escritos durante a realização do vestibular do ano de 2022 da UEPG, aplicado no dia 11 de dezembro de 2022.

Trazemos, neste trabalho, a transcrição literal de trechos dos textos, mantendo, assim, a grafia conforme se apresenta nas redações. Além disso, quando a escrita de alguma palavra não estava legível, empregamos a seguinte legenda indicativa: “[*palavra não identificada*]”. Ao final de cada transcrição, adotamos a identificação da nota obtida e sua numeração separadas por hífen, de acordo com a ordem dos textos enviados pela CPS da UEPG. Portanto, *zero-02*, por exemplo, significa que o trecho foi retirado da redação número 2 que obteve nota zero.

Os cadernos de provas continham a proposta com o seguinte tema: “Caminhos para o enfrentamento de capacitismo no Brasil” e as orientações para escrever um texto dissertativo-

argumentativo com base no tema apresentado, entre elas, a redação deveria: (i) conter no mínimo 10 linhas e no máximo 20 linhas; e (ii) ser elaborada em prosa.

Pelo foco de nossa pesquisa, excluímos ocorrências de emprego não convencional de vírgula em *esquema duplo* e em esquema simples por *ausência*. Ademais, desconsideramos dados que apresentam:

- Rasura, a qual manifesta “apagamentos, escritas sobrepostas, inserções, riscos, etc. [...]” (Capristano, 2013, p. 667), em que há traços que deixam dúvidas se corresponderiam à vírgula ou a qualquer outra pontuação; e
- Certo grau de dificuldade de classificação sintático-semântica, que exibem certa ambiguidade, dificultando, assim, determinar a convencionalidade da vírgula de acordo com Cunha e Cintra (2016).

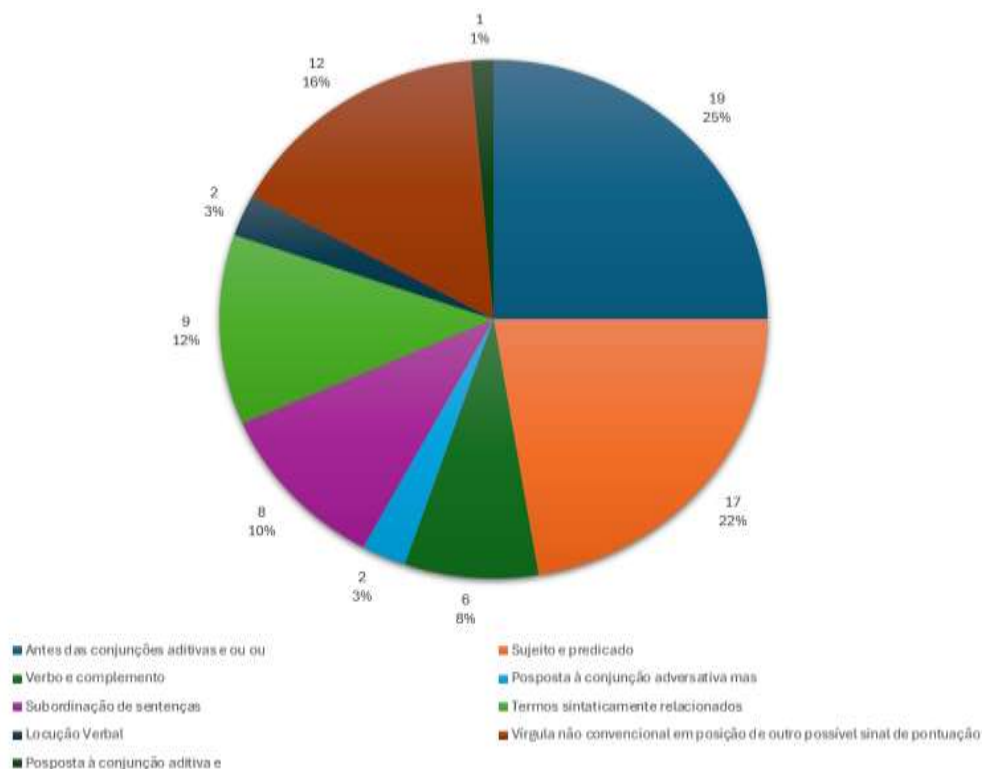
Salientamos que a escolha da gramática de Cunha e Cintra (2016) para classificação dos dados é, essencialmente, técnica. Dito isso, cabe ressaltar qual é a perspectiva que rege as prescrições quanto aos usos dos sinais de pontuação para Cunha e Cintra (2016). Para os autores, a escrita não apresenta os mesmos recursos da fala, como ritmo e melodia. Segundo os gramáticos, a pontuação supre essa falta, a fim de atribuir, de forma aproximada, esses recursos à escrita. Nesse sentido, a vírgula desempenha um papel crucial em textos escritos, representando uma pausa de curta duração (Cunha; Cintra, 2016). Todavia, distanciamos-nos dessa visão, pois, parece postular que a escrita seria uma representação da fala. Retomamos a visão defendida por Corrêa (2004) em relação ao caráter heterogêneo da linguagem e reafirmamos, juntamente com o autor, que fala/escrita são fatos linguísticos manifestos pelas práticas sociais oralidade/letramento, além disso, conforme explicitado anteriormente, a escrita é atravessada por tentativas de demarcar os contornos entoacionais característicos da fala, valendo-se da pontuação (Chacon, 2022). Portanto, não é de nosso interesse classificar “erros” ou “acertos”, uma vez que essa dicotomia desconsidera o sujeito de linguagem e desvaloriza o estatuto multidimensional da vírgula (Chacon, 1996).

Na próxima seção, apresentamos a análise e discussão dos dados.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Nas 100 redações analisadas, foram levantadas 76 ocorrências de emprego não convencional de vírgula em esquema simples. Esse resultado é apresentado no gráfico a seguir:

Figura 1: Ocorrências de emprego não convencional de vírgula



Fonte: elaboração própria.

Como pode ser observado, o maior número de ocorrências (19, equivalentes a 25% dos dados levantados) corresponde ao emprego não convencional da vírgula antes da conjunção aditiva *e* ou da conjunção alternativa *ou*. De acordo com Cunha e Cintra (2016), elementos coordenados conectados pelas conjunções *e*, *ou* ou *nem* não devem ser separados por vírgula. Observando essas ocorrências, verificamos que há maior prevalência do emprego da vírgula entre termos coordenados, ou seja, que exercem a mesma função sintática (complementos, adjuntos, entre outros), sendo 14 dados (73,7%); e menor frequência em orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito, com 5 ocorrências (26,3%). No primeiro caso, é possível notar a relevância da formação da *frase entoacional* no emprego dessas vírgulas, como em:

- (1) *[Um dos caminhos para combater o capacitismo]I [é a não diferenciação deles em sociedade,]I [e a maior representação em cargos de poder e visibilidade.]I (abaixo-28)*

Nespor e Vogel (1986) e Tenani (2002) alegam haver fatores relevantes para a reestruturação de frases entoacionais, sendo eles relacionados à sua extensão, à velocidade de fala relativamente lenta, ao registro formal do uso da língua e à proeminência contrastiva, conforme visto anteriormente. Com base nessa premissa, defendemos a reestruturação proposta em (1), a fim de atribuir sentido ao enunciado, tendo em vista que esse exemplo mostra a possibilidade de reestruturação das *Is* que seriam formadas a partir do algoritmo padrão de formação de frases entoacionais, de acordo com Nespor e Vogel (1986).

Quanto ao segundo caso, Francisco (2024) aponta a presença antes da conjunção *e* em orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito como as mais empregadas por alunos do sexto ano do EF. Verificamos, mais uma vez, a relação da presença de vírgula e a extensão das frases entoacionais formadas, fato também observado por Carvalho (2019). Corroboramos essa informação ao verificar que, no exemplo a seguir, ocorre a possibilidade de reestruturação de *Is*, devido à sua longa extensão:

- (2) *[Pessoas com deficiência,]I [seja ela qual for,]I [sofre com esse tipo de preconceito]I [constantemente]I [frases de dó,]I [piedade,]I [tratamento “especial”]I [são alguns dos inúmeros exemplos do capacitismo,]I [no qual corrompe a dignidade dessas pessoas,]I [e contribui piamente]I [para situações de desigualdade e exclusão social de tais.]I (abaixo-48)*

Cabe destacar, ainda, que a vírgula não convencional destacada em (2) se aproxima do elemento adverbial “piamente” e marca um provável contexto de pausa, em que não necessariamente há um momento de silêncio, mas que pode ser percebida por noções fonológicas a partir do contorno entoacional e fronteiras entre frases entoacionais (Soncin; Tenani; Berti, 2019). Nesse sentido, a frase entoacional destacada pela vírgula em desacordo com a convenção demarca a continuidade do enunciado, pois não gera um contorno entoacional descendente, característica das frases declarativas (Tenani, 2002). Ao contrário, gera um tom ascendente, comum em situações que indicam a continuidade de uma ideia.

Passando a tratar dos próximos contextos sintáticos observados em nossa análise, temos a separação de sujeito e predicado, com 17 ocorrências (22%), das quais 3 (17,6%) localizam-se na fronteira de frases fonológicas pertencentes à mesma *I*, enquanto a maioria (14 casos - 82,4%) diz respeito à fronteira de frases entoacionais, resultado quantitativamente divergente do obtido por Araújo-Chiuchi (2012). Em nossos dados, podemos verificar o contexto de

relação entre *tópico e comentário* (Soncin, 2014). Quanto aos contornos entoacionais que podem ser formados, propomos a seguinte estruturação de frases entoacionais em (3), em que o contorno que introduz o tópico finda na primeira frase entoacional e, na segunda, inicia-se o contorno entoacional no qual figura o comentário, havendo possibilidade de pausa entre o sujeito e o verbo.

- (3) *[Um dos principais problemas dos deficientes,]I [é quando um capacitista diz]I [que eles não são capazes de realizar alguma tarefa]I (abaixo-41)*

Retomamos Soncin (2014), ao afirmar que houve predominantemente reestruturação de *I*, pelo registro de um possível contorno continuativo, tom de fronteira que se forma em *Is* não finais (Tenani, 2002). Como proposto por Nespor e Vogel (1986), a reestruturação de *I* é possível se levarmos em consideração a velocidade de fala, que, para reestruturação, deve ser relativamente lenta, e o estilo discursivo que, nesse caso, quanto maior o teor de formalidade, maiores são as chances de ocorrer reestruturação de *I*. Portanto, tomando por base o estudo de Soncin (2014), verificamos que a longa extensão das frases entoacionais, que seriam formadas a partir do algoritmo padrão descrito por Nespor e Vogel (1986), justifica a reestruturação de *I*. Dessa forma, a vírgula presente entre verbo e sujeito se observa na própria extensão do sujeito longo, conforme verificamos em (3): “um dos principais problemas dos deficientes”. Dessa maneira, mais uma vez, observamos que a extensão das frases entoacionais é essencial para compreensão da presença não convencional da vírgula em esquema simples.

Quanto à demarcação de fronteira de frases fonológicas, temos o exemplo (4), em que a vírgula recai no limite da palavra fonológica que inicia a frase entoacional, marcando a provável tentativa de enfatizar o termo central na construção da argumentação, isolando-o logo na introdução do período:

- (4) *[(Preconceito,)φ (é)φ (algo)φ (que existe)φ]I [desde o começo dos tempos,]I [e que arrisco dizer]I [que dificilmente, desaparecerá por completo]I (zero-48)*

Em seguida, apresentamos os casos de vírgula não convencional em posição de outro possível sinal de pontuação, com 12 casos (16%). Verificamos que houve predominância da vírgula não convencional em que, possivelmente, poderia ter sido empregado o *ponto*, com 9 ocorrências (75%). Como Araújo-Chiuchi (2012), identificamos dados em que o emprego não convencional da vírgula coincide com o fim de possíveis enunciados fonológicos, como em:

- (5) *[[Designando uma ideia totalmente errada]I [o termo Capacitismo]I [que visa denegrir a capacidade individual de cada pessoa que possui deficiência (PcD),]I [composta pelo sufixo -ismo]I [presente também em machismo,]I [palavra não identificada]I [e racimo]I [está caracterizado de forma negativa,]I [vem se destacando em matérias digitais]I [como podcast,]I [reportagem,]I [debates e fóruns,]I [visa a diminuição da pessoa com deficiência]I [e [palavra com rasura] suas diferenças,]I]U [de acordo com o site gl.globo.com]I [o (IBGE)]I [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]I [com parte da Pesquisa Nacional da Saúde (PNS) de 2019,]I [84% da população brasileira acima de dois anos possui alguma deficiência.]I [sendo assim]I [17,3 milhões de pessoas,]I [Capacitismo não está]I [ainda]I [tão reconhecido Nacionalmente,]I [as medidas contra essas pessoas que praticam...]]I (abaixo-14)*

Em (5), é possível identificar a vírgula não convencional entre duas sentenças declarativas, posição que comumente apresenta contorno entoacional descendente e marca o fim de um enunciado fonológico (Tenani, 2002). Esse exemplo nos mostra que o escrevente inicia caracterizando “o termo capacitismo” e, na continuidade de seu texto, após realizar essa caracterização, apresenta evidências acerca do tema apresentado inicialmente. Em casos como este, notamos que a vírgula, presente em desacordo com a convenção na posição exata em que haveria possivelmente outro sinal de pontuação, segmenta as ideias e os sentidos produzidos pelo texto, sendo uma forma de o escrevente situar seu leitor na produção desses sentidos.

Passamos à análise dos dados em que há ocorrência da vírgula não convencional entre *termos sintaticamente relacionados*. Em nosso corpus, detectamos 9 (12%) casos classificados nesse contexto sintático. Soncin (2014) destaca, em sua pesquisa, que essa foi a única estrutura sintática que motivou a presença não convencional da vírgula que se relaciona com a frase fonológica. A esse respeito, percebe-se a “relação íntima entre a formação de ϕ e a noção de sintagma advinda da sintaxe” (Soncin, 2014, p. 166). Em nossa pesquisa, assim como na de Soncin (2014), detectamos vírgula não convencional tanto em fronteira de frase fonológica - exemplo (6) -, quanto em seu domínio - exemplo (7):

- (6) *[Pois]I [(até mesmo) ϕ (esse tipo,) ϕ (de ato,) ϕ]I [nas maiorias das vezes]I [é dentro da própria casa que inicia]I (zero-23)*
- (7) *[Primeiramente]I [como um forma de desfavorecer os deficientes]I [(o, governo) ϕ (tem grande) ϕ (papel) ϕ (na luta) ϕ (contra) ϕ (o capitalismo,) ϕ]I [mas com uma eficácia extremamente inferior a outros países,]I [com grandes falhas em retrair esse movimento.]I (abaixo-25)*

O exemplo (6) ilustra o momento em que o escrevente indica algum tipo de tensão em sua escrita, deixando, assim, entrever um momento de hesitação sinalizado com a vírgula não

convencional. Vemos, com base em Soncin (2014), a hesitação do escrevente - demarcada pelo uso não convencional da vírgula - em (6) na tentativa de resumir sua ideia: “*esse tipo, de ato*”, ou seja, retomada das ideias mencionadas em seu texto sobre os *tipos* de preconceitos presentes na sociedade.

Por sua vez, em (7), a vírgula não convencional é posicionada no domínio da frase fonológica. Devido ao elemento clítico *o* - que não apresenta tonicidade e é anexado à palavra prosódica à sua direita, conforme algoritmo de formação de frase entoacional -, não é possível a reestruturação das frases fonológicas, tampouco seriam viáveis fronteiras de frases entoacionais. Desse modo, verificamos a possibilidade de ênfase que o escrevente atribui ao sentido que busca postular em seu dizer, conforme observamos também em Soncin (2014). Nesse caso, a ênfase se relaciona ao principal responsável na luta contra o capacitismo.⁷ No entanto, pode também ser um caso de hesitação, uma vez que o sujeito traz a ideia de desfavorecimento logo antes de anunciar quem é o responsável pela luta contra o capacitismo. Parece-nos aqui uma tentativa de apresentar a argumentação que seria iniciada com foco em “desfavorecer os deficientes”, no entanto, essa expectativa é bruscamente quebrada quando o enunciado a seguir fala sobre o *grande papel do governo na luta contra o capacitismo*, ou seja, o escrevente não desenvolve a ideia inicial. Assim sendo, a vírgula não convencional está presente justamente quando ocorre essa alternância de ideias.

Sobre as vírgulas entre *verbo e complemento*, posição não prevista pela convenção, encontramos 6 (8%) ocorrências referentes a esse contexto sintático. A maioria desses casos é pertinente às fronteiras entre frases fonológicas, como ilustrado pelo exemplo (8):

- (8) [(Fazendo,)ϕ (com que várias)ϕ (outras)ϕ (pessoas)ϕ (com alguma)ϕ (deficiência)ϕ]I
[tome a iniciativa de enfrentar o mundo]I [e batalhar para realizar suas conquistas e sonhos sem medo...]I (abaixo-30)

Encontramos respaldo no estudo realizado por Soncin (2014) para afirmar que, na estruturação proposta em (8), o acento frasal é realçado pela vírgula que aparece na fronteira entre frases fonológicas. Ou seja, diferente da ênfase, o foco prosódico atribuído ao verbo traz relações com o que foi dito anteriormente, neste caso, o sujeito discorre sobre uma blogueira

⁷ Embora o escrevente tenha escrito “capitalismo”, diante da leitura do texto, concluímos que o sujeito confundiu o termo, pois, em seu texto, discorre sobre o preconceito contra pessoas com deficiência.

com síndrome de *down* que utiliza as redes sociais para expor seu cotidiano e produzir conteúdo para *internet* de forma leve, fazendo com que outras pessoas encontrem inspiração.

Sobre as *conjunções adversativas*, conforme prescreve a gramática de Cunha e Cintra (2016), podem ser antecedidas ou intercaladas por vírgula, com exceção da conjunção *mas*, que deve ser apenas *antecedida* por vírgula. Em nossa amostra de dados, foram encontradas duas ocorrências em que a conjunção adversativa *mas* é intercalada por vírgulas. Inicialmente, observamos que essas ocorrências estão presentes na mesma redação, ou seja, foi elaborada por um mesmo escrevente. Em primeira instância, essa constatação pode ser interpretada como internalização dessa regra por parte do escrevente. No entanto, uma possibilidade é que *mas* pode formar uma frase entoacional, já que as vírgulas empregadas podem coincidir com o início e o fim de contornos entoacionais por meio da pausa, conforme dispomos a seguir:

- (9) *[não importa se tenhamos alguma deficiência física ou intelectual,]I [mas,]I [a população não aceita essa verdade]I (abaixo-38)*
- (10) *[muitas pessoas denunciaram para as autoridades,]I [mas,]I [esse número de preconceito continua aumentando]I (abaixo-38)*

A pausa gerada entre as frases entoacionais em que há presença não convencional da vírgula inibe o processo de vozeamento da fricativa (Tenani, 2002), promovendo uma espécie de ênfase no que se segue após a pausa representada pela vírgula em desacordo com a convenção. Além disso, o que podemos inferir, ainda, é que o escrevente tenta assinalar a continuidade do enunciado a partir do que seria uma marca da fala ao postular uma mudança brusca do conteúdo semântico (Cagliari, 1992; Tenani, 2002). Sendo assim, relacionamos ao que Chacon (1996) considera acerca do emprego da vírgula no texto, posto que esse sinal é usado para marcar sua continuidade e atribuir sentido a ele.

Chegamos aos três últimos contextos sintáticos em que houve incidência da vírgula não convencional em esquema simples: (i) subordinação de sentenças (8 ocorrências, sendo 6 em fronteira de I e 2 em fronteira de ϕ); (ii) locução verbal (2 ocorrências, em fronteira de ϕ); e (iii) posposta à conjunção *e* (1 ocorrência, em domínio de ϕ), exemplificados, respectivamente, em (11), (12) e (13):

- (11) *[Por ser pouco tratado o tema em questão]I [torna-se muito comum nos depararmos com fatos ocorridos,]I [pelo simples fato do individuo nascer a apresentar algum tipo de deficiência]I [(seja ela,) ϕ (física,) ϕ]I [intelectual]I [ou sensorial.]I (abaixo-08)*

- (12) *[Outrossim,]I [a falta de oportunidades no mercado de trabalho]I [é um grande agravante para a situação precária de tais pessoas,]I [e pelas ruas,]I [(as vimos,)φ (pedindo)φ (pelo mínimo.)φ]I (abaixo-01)*
- (13) *[Redes sociais são uma ótima forma de divulgar informações corretas sobre o tema,]I [(e, abordá-lo)φ]I [de forma que o capacitismo diminua cada vez mais]I [em nossa sociedade.]I (abaixo-43)*

Em (11), vemos uma estrutura de subordinação de orações, na qual a vírgula se encontra em posição não prevista pela convenção em fronteira de frase fonológica. Esse uso marca a continuidade do enunciado, que é seguido com os tipos de deficiências que podem acometer os indivíduos. Também em fronteira de frase fonológica, temos o exemplo (12), em que se encontram dois verbos que compõem uma locução verbal separados pela vírgula não convencional, como uma forma de demonstrar a dificuldade enfrentada por “tais pessoas”. Ou seja, a dificuldade que os portadores de deficiência enfrentam ao não encontrar “oportunidades no mercado de trabalho” acarreta vê-las “pedindo pelo mínimo” nas ruas. Finalmente, (13) é um exemplo do contexto sintático em que a vírgula é posposta à conjunção *e*, ocorrendo no domínio de frase fonológica. Nessa ocorrência, a vírgula recai entre o elemento átono e o cabeça da frase fonológica do qual faz parte, assim relembramos que, de acordo com Nespor e Vogel (1986), o cabeça da frase fonológica engloba o elemento clítico em seu lado não recursivo. Dessa maneira, *(e, abordá-lo)φ* configura uma frase fonológica única.

Em relação à subordinação de orações, a maioria (75%) dos casos de vírgula não convencional é referente à fronteira de frases entoacionais, como em (14):

- (14) *[Não devemos excluir ninguém,]I [por que,]I [eles necessitam]I [de tambem]I [de amor.]I (zero-04)*

No exemplo (14), não há necessidade de pausa no contexto destacado, nesse sentido, a frase entoacional é identificada por meio do elemento que indica a continuidade do enunciado (“por que”), sendo essa uma das estratégias para identificação de frase entoacional na ausência de pausa (Tenani, 2006). Entretanto, retomamos a questão de o processo de escrita se dar de forma mais lenta do que a fala em interações sociais concretas, desse modo, não excluimos a possibilidade da ocorrência da pausa nesse enunciado.

No que tange às diferenças de pontuação em relação ao emprego não convencional de vírgula em esquema simples, constatamos que a possibilidade do impacto da vírgula na obtenção da nota é relativamente pequena, como mostra a tabela 1:

Tabela 1: Ocorrências de vírgulas não convencionais em esquema simples por contexto sintático em relação à nota obtida

Contexto sintático	Redação nota zero	Redação abaixo da média
Orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito	-	5
Separar termos coordenados com o juntor <i>e</i>	6	8
Sujeito e predicado	5	12
Verbo e complemento	2	4
Posposta à conjunção adversativa <i>mas</i>	-	2
Subordinação de sentenças	4	4
Termos sintaticamente ligados	5	4
Locução verbal	1	1
Vírgula não convencional em posição de outro possível sinal de pontuação	4	8
Proposta à conjunção <i>e</i>	-	1
Total	27 (35,5%)	49 (64,5%)

Fonte: elaboração própria.

Como mostra a tabela 1, a maioria das ocorrências (49, correspondentes a 64,5%) do emprego não convencional de vírgula em esquema simples foi constatada em redações *abaixo da média*, enquanto provas que obtiveram *nota zero* apresentaram 27 ocorrências (correspondentes a 35,5%).

A frequência do emprego não convencional de vírgula em esquema simples em relação ao contexto sintático, no entanto, parece ocorrer de formas relativamente distintas nos dois grupos: das 49 ocorrências de vírgula não convencional em redações abaixo da média, o contexto com maior número de emprego não convencional é o de separação entre sujeito e predicado, com 12 ocorrências (24,5%). Já nas 27 ocorrências de vírgula em redações nota zero,

o contexto que se destaca é o de separação de termos coordenados com o juntor *e*, com 6 ocorrências (22,2%).

A partir de uma análise qualitativa, observamos que as 27 ocorrências de vírgula não convencional em esquema simples estão presentes em apenas 15 das 50 redações nota zero. Dessas 15 redações, 12 fugiram ao tema, o que justifica a nota obtida. Nas 3 redações que não mostram indícios de fuga ao tema, observamos que há apenas 4 ocorrências de vírgula não convencional em esquema simples. Assim sendo, para uma discussão acerca do impacto do uso da vírgula para obtenção da nota, seria indispensável expandir a análise dos dados e a discussão sob um viés qualitativo, uma vez que os dados obtidos não trazem informações suficientes para avançar na discussão.

Pelo fato de a vírgula se tratar de um sinal de pontuação complexo e que mobiliza não somente aspectos sintáticos, como também prosódicos e enunciativos, seu ensino necessita buscar outros aspectos da língua, não apenas um olhar prescritivo e normativo. Nesse sentido, se a vírgula não convencional gera impactos pequenos na obtenção de notas em avaliações como as de um vestibular, podemos afirmar que o ensino dos sinais de pontuação poderia ser redirecionado e desprendido de questões prescritivas, talvez, com a associação dos usos a uma prática reflexiva de interpretações enunciativas, por exemplo.

De modo geral, os resultados obtidos nesta pesquisa nos levam a constatar que a frase entoacional é o constituinte que motiva, preponderantemente, o emprego não convencional da vírgula (Soncin, 2014; Soncin; Tenani, 2015; Francisco; 2024). Contudo, tanto esse constituinte como outros domínios da hierarquia prosódica (frase fonológica, bem como o seu domínio, e enunciado fonológico) têm papel relevante no uso da vírgula. Em outras palavras, observamos que os domínios mais altos na hierarquia prosódica apresentam relação estreita com a presença não convencional da vírgula em esquema simples (Araújo-Chiuchi, 2012; Soncin, 2014; Carvalho, 2019; Francisco, 2024). Além disso, verificamos, em concordância com Araújo-Chiuchi (2012), que o único contexto sintático que mobiliza o enunciado fonológico é o que diz respeito à presença não convencional da vírgula em posição de outro possível sinal de pontuação, especificamente em posição de um provável ponto final. Confirmamos, para a escrita de vestibulandos, a predominância de fronteira das frases entoacionais por reestruturação em relação ao emprego não convencional da vírgula em esquema simples por presença, corroborando resultados obtidos para o EF II (Soncin, 2014).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou investigar a presença não convencional da vírgula em esquema simples em redações escritas por candidatos ao vestibular 2022 da UEPG, sendo 50 redações notas zero e 50 redações abaixo da média, fornecidas pela CPS da UEPG. Analisamos a formação de possíveis domínios prosódicos a partir de pistas sintáticas e da interface com a prosódia (Nespor; Vogel, 1986), à luz de uma possível realização de leitura (Soncin, 2014).

Os resultados desta pesquisa demonstram que o uso da vírgula não convencional em esquema simples em redações de vestibulandos com notas zero ou abaixo da média está fortemente relacionado à organização prosódica dos enunciados escritos. Verificamos que essas vírgulas, frequentemente, indicam fronteiras de frases entoacionais geradas, principalmente, por meio de reestruturação. Essas marcas indiciam a pausa para postular a ênfase em ideias e introdução de novos comentários ou geram expectativa de continuidade no enunciado. Demonstram, ainda, que as fronteiras são parte da constituição do processo de pontuar com vírgula (Soncin, 2014).

Os dados analisados confirmam que a frase entoacional é o constituinte prosódico que mais motiva o uso não convencional da vírgula em esquema simples em textos de vestibulandos, especialmente por reestruturação, conforme já identificado por estudos sobre o EF II (Soncin, 2014; Francisco, 2024). Contudo, também se verificou a relevância de outros domínios prosódicos, como a frase fonológica e o enunciado fonológico. Além disso, com menor frequência, foram identificados casos em que a vírgula não convencional ocorre no *domínio* da frase fonológica, ou seja, nem sempre esse uso se dá em *fronteiras* prosódicas.

A presença da vírgula, mesmo em desacordo com a convenção, contribui para a organização rítmica da escrita (Chacon, 1996) e para a produção de sentidos no texto, indicando momentos de ênfase, hesitação ou retomada de ideias. Essa dinâmica aponta para o papel heterogêneo da vírgula, evidenciando a complexa interação entre aspectos fonológicos, sintáticos e enunciativos iniciados pela vírgula.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para a reflexão sobre a vírgula para além de sua função sintática, ao demonstrar que o uso não convencional da vírgula em esquema simples é um indicio da heterogeneidade constitutiva da escrita (Chacon, 1996; Corrêa, 2004).

Além disso, ao identificar as marcas prosódicas e as estratégias discursivas presentes nas redações analisadas, o estudo busca fortalecer a compreensão do uso da vírgula como prática significativa, abrindo espaço para novas abordagens didáticas que considerem o papel do ritmo, da prosódia e do sujeito no processo da escrita.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO-CHIUCHI, A. C. **Usos não-convencionais da vírgula em textos de alunos de quinta série/sesto ano do Ensino Fundamental**. 2012. 92f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2012.

BISOL, L. Os constituintes prosódicos. *In*: BISOL, L. (orgs.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 229-241.

CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, n. 23, p. 137-150, jul-dez/1992.

CAPRISTANO, C. C. Um entre outros: a emergência da rasura na aquisição da escrita. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 13, n. 3, p. 667-694, set-dez/2013.

CARVALHO, T. G. **Usos de vírgulas em textos do Ensino Fundamental II: um estudo longitudinal**. 2019. 175f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2018.

CHACON, L. **Ritmo da Escrita: Uma organização do heterogêneo da linguagem**. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 1996.

CHACON, L. O que é a escrita?. *In*: OTHERO, G. A.; FLORES, V. N. (orgs.). **O que sabemos sobre a linguagem: 51 perguntas e respostas sobre a linguagem humana**. São Paulo: Parábola, 2022, p. 163-167.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CUNHA, C.; CINTRA, L. Pontuação. *In*: CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016, p. 657-664.

FRANCISCO, I. **Vírgulas em esquema simples: usos em textos narrativos**. 2024. 84f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2024.

GAYER, J. E. L. Uma breve história dos constituintes prosódicos. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 149-172, dez/2015.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris Publications; 1986.

SILVA, T. C. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SIMÕES, G. M. S. **O emprego não convencional da vírgula em esquema simples em redações de vestibulandos da UEPG: análise prosódica**. 2025. 117f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2025.

SONCIN, G. **Língua, discurso e prosódia: investigar o uso da vírgula é restrito? Vírgula!**. 2014. 312f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2014.

SONCIN, G.; RODRIGUES, A. A interação sintaxe-prosódia em usos de vírgula em esquema duplo: apontamentos para o ensino de pontuação. **Domínios de linguagem**, Uberlândia, v. 12, n. 3, p. 1571-1606, jul-set/2018.

SONCIN, G.; TENANI, L. E. Emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. **Filosofia e Linguística Portuguesa**, v. 17, n. 2, p. 473-493, jul./dez. 2015.

SONCIN, G.; TENANI, L. E.; BERTI, L. Phonologic representation and speech perception: the role of pause. **Diacrítica**, Braga, v. 33, n. 2, p. 4-18, 2019.

TENANI, L. E. **Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos**. 2002. 331f. Tese (Doutor em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.

TENANI, L. E. Domínios prosódicos no português brasileiro: evidências, rítmica, entoacional e segmental. **Estudos linguísticos**. Araraquara, v. XXXV, p. 118-131, 2006.

Submetido em: 13/10/2025

Aprovado em: 04/12/2025